

O PERFECCIONISMO COMO UM OBSTÁCULO À SANTIDADE CRISTÃ

*Valdeci da Silva Santos**

RESUMO

O presente artigo procura investigar o perfeccionismo e seus postulados como empecilhos à busca da verdadeira santidade. A fim de oferecer uma perspectiva abrangente sobre o assunto o articulista analisa vários aspectos do perfeccionismo. Primeiramente, é feita uma rápida descrição dos postulados do perfeccionismo em geral. Depois, são apresentadas as versões mais comuns do perfeccionismo cristão e suas implicações para a doutrina da santificação. Por último, o autor expõe uma perspectiva bíblica sobre a santificação progressiva na vida do crente como a resposta para os problemas gerados pelo perfeccionismo. Há que se ter em mente que a versatilidade do perfeccionismo não somente dificulta a sua análise, como também alimenta a sobrevivência do mesmo até naqueles círculos cristãos que não compartilham integralmente dos seus postulados. Espera-se que esta abordagem revele-se útil ao ministério pastoral, especialmente àqueles que se afadigam no discipulado, educação cristã e aconselhamento bíblico.

PALAVRAS-CHAVE

Perfeccionismo; Santificação; Santidade plena; Santidade progressiva; Segunda bênção.

INTRODUÇÃO

É possível ao cristão viver sem pecado neste mundo? Longe de ser uma pergunta retórica, esta questão possui sérias implicações doutrinárias e práticas.

* O autor é ministro presbiteriano, pastor da Igreja Evangélica Suíça de São Paulo, professor de teologia pastoral e sistemática no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper e coordenador do programa de Doutorado em Ministério do RTS/CPAJ.

Aqueles que respondem negativamente geralmente apontam para os fatos ao redor e defendem a *santificação progressiva*, que tem início na conversão e só se completa na glória eterna.¹ Há, porém, os que respondem positivamente, os quais, a despeito das evidências e escândalos envolvendo os cristãos, insistem em uma perspectiva perfeccionista da santificação e defendem a possibilidade de uma *santificação plena* nesta vida.²

A doutrina da santificação plena, também chamada *perfeccionismo cristão*, não tem sido apresentada de forma sistemática nos últimos anos. No entanto, esse ensino tem sido continuamente popularizado por meio de alguns movimentos e ênfases no contexto evangélico. Certamente “a busca da perfeição religiosa tem sido um alvo durante toda a história judaico-cristã”,³ mas o perfeccionismo cristão vai além desse anelo e sustenta a possibilidade de alguém viver sem pecado nesta vida.⁴ Geralmente esta tese tem sido apresentada em várias versões doutrinárias tais como: vida vitoriosa, vida mais profunda, santidade segundo Keswick e outras. Na América Latina, e especialmente no Brasil, devido à influência dos movimentos de santidade e do pentecostalismo, a ramificação mais conhecida deste ensino é a ênfase na experiência da “segunda bênção”, que supostamente resulta na morte para todo o pecado e na renovação completa à imagem de Deus.⁵ Todavia, nos últimos anos, esta mesma perspectiva tem sido comunicada através de diferentes movimentos: *Promise Keepers*⁶ e *A Visão Federal*.⁷ Na prática, porém, este ensino tem sido considerado como um dos principais responsáveis pela desilusão na busca da

¹ Cf. RYLE, J. C. *Santidade sem a qual ninguém verá o Senhor*. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 1987; PACKER, J. I. *A redescoberta da santidade: o caminho para a alegria e liberdade agora e no futuro*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002; BERKHOF, Louis. L. *Teologia sistemática*. Campinas: Luz Para o Caminho, 1990.

² Cf. WESLEY, John. *Explicação clara da perfeição cristã*. São Bernardo do Campo, SP: Imprensa Metodista, 1984; FLEW, R. Newton. *The Idea of Perfection in Christian Theology*. Londres: Oxford University Press, 1934.

³ SHELTON, R. L. Perfeição, perfeccionismo. In: ELWELL, Walter (Org.). *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1990. v. 3, p. 137.

⁴ DIETER, Melvin E. A perspectiva wesleyana. In: GUNDRY, Stanley (Org.). *Cinco perspectivas sobre a santificação*. São Paulo: Vida, 2001. p. 24. MEBANE, D. Louise; RIDLEY, Charles R. The Role-Sending of Perfectionism: Overcoming Counterfeit Spirituality. In: PACKER, J. I. (Org.). *The Best in Theology*. v. IV. Carol Stream, IL: Christianity Today, Inc., 1990. p. 250.

⁵ WESLEY, *Explicação clara da perfeição cristã*, p. 41-48.

⁶ Movimento iniciado em 1990 pelo técnico de futebol americano Bill McCartney, que tem como objetivo a busca da pureza masculina nos relacionamentos com Deus, a família e o mundo ao redor. O movimento tem sido continuamente criticado por sua teologia ecumênica e pelagiana.

⁷ Movimento recentemente lançado por alguns teonomistas e que defende a salvação e santificação pelo esforço humano. A obra mais representativa do movimento é: WILKINS, Steve; GANER, Duane (Orgs.). *The Federal Vision*. Monroe, Louisiana: Athanasius Press, 2004.

santidade cristã.⁸ Assim, o perfeccionismo parece não apenas utópico como também prejudicial à busca da santidade cristã.

O objetivo deste artigo é investigar o perfeccionismo e seus postulados como empecilhos à busca da verdadeira santidade. A fim de oferecer uma perspectiva abrangente sobre o assunto o articulista analisa vários aspectos do perfeccionismo. Primeiramente, é feita uma rápida descrição dos postulados do perfeccionismo em geral. Depois, são apresentadas as versões mais comuns do perfeccionismo cristão e suas implicações para a doutrina da santificação. Por último, o autor expõe uma perspectiva bíblica sobre a santificação progressiva na vida do crente como a resposta para os problemas gerados pelo perfeccionismo. Há que se ter em mente que a versatilidade do perfeccionismo não somente dificulta a sua análise, como também alimenta a sobrevivência do mesmo até naqueles círculos cristãos que não compartilham integralmente dos seus postulados. Espera-se que esta abordagem revele-se útil ao ministério pastoral, especialmente àqueles que se afadigam no discipulado, educação cristã e aconselhamento bíblico.

1. COMPREENDENDO O PERFECCIONISMO

O perfeccionismo (ou perfeccionismo) é uma “teoria sobre a perfeição; mais especificamente, a doutrina de que a perfeição moral e religiosa pode ser atingida nesta vida”.⁹ No livro *Perfeccionistas: como aprender a conviver com as imperfeições do mundo real*, as psicólogas Miriam Elliott e Susan Meltsner afirmam que esta perspectiva pode se tornar numa obsessão do indivíduo em todas as áreas da vida, incluindo a carreira profissional, relacionamentos humanos, auto-imagem e esforços religiosos.¹⁰ O fato é que o perfeccionismo possui muitas faces. Uma pessoa perfeccionista geralmente se esforça para melhorar seus resultados de acordo com um padrão ideal, na maioria das vezes estipulado por ela mesma. Também, o perfeccionista pode dar uma importância exagerada a tudo ao redor a ponto de nunca se sentir verdadeiramente satisfeito com o que possui. No caso das realizações pessoais, o perfeccionista pode ser dominado pela contínua sensação interior de que ele poderia ter feito algo melhor.

⁸ Cf. PACKER, J. I. *Na dinâmica do Espírito: uma avaliação das práticas e doutrinas*. São Paulo: Vida Nova, 1991. p. 96-98; STOTT, Jonh R. W. *Batismo e plenitude do Espírito Santo*. São Paulo: Vida Nova, 1986. p. 53-55; SPROUL, R. C. *O mistério do Espírito Santo*. São Paulo: Cultura Cristã, 1997. p. 135-139; RIDDLEBARGER, Kim. *Romans 7 and the Normal Christian Life*. Disponível em: <<http://www.modernreformation.org/default.php?page=articledisplay&var1=ArtRead&var2=53&var3=issuedisplay&var4=IssRead&var5=5>>. Acesso em: 23 de nov. de 2006. HORTON, Stanley. Réplica pentecostal a Dieter. In: GUNDRY, *Cinco perspectivas*, p. 57-58.

⁹ HICKS, P. A. Perfectionism. In: ATKINSON, David J.; FIELD, David H. *New Dictionary of Christian Ethics and Pastoral Theology*. Downers Grove: InterVarsity Press, 1995. p. 656.

¹⁰ ELLIOTT, Miriam; MELTSNER, Susan. *Perfeccionistas: como aprender a conviver com as imperfeições de um mundo real*. São Paulo: Editora Saraiva, 1993. p. 16.

À primeira vista o perfeccionismo parece ser algo positivo, pois ele pode ser usado como uma força propulsora para o bem. O perfeccionista, em geral, é detalhista, metucioso e caprichoso em suas ações. A sociedade normalmente valoriza alguns traços comuns ao perfeccionista, como, por exemplo, a responsabilidade, a pontualidade, o esmero e assim por diante.¹¹ No passado, o perfeccionismo era até visto como um aspecto positivo e acreditava-se que ele contribuiria para o sucesso profissional das pessoas. Contudo, o problema do perfeccionismo vem à tona quando o seu possuidor não atinge o alvo proposto para si mesmo. Além do mais, a busca do resultado perfeito pode interferir negativamente nas realizações profissionais do perfeccionista, pois se gasta tanto tempo em revisões que a produtividade fica comprometida.

O universo pessoal do perfeccionista pode ser tomado por frustrações contínuas, o que o conduz a um estado de tristeza, culpa e até mesmo auto-desprezo. Elliott e Meltsner afirmam que muitos perfeccionistas “ficam presos em um interminável e autoderrotista ciclo de esforço, frustração, esforço mais intenso, novo fracasso, frustração ainda maior e esforço ainda mais intenso”.¹² Por último, esta atitude pode evoluir para uma síndrome depressiva derivada das frustrações e fracassos do seu possuidor, fazendo com que alguns indivíduos apresentem distúrbios físicos ou se tornem dependentes químicos para lidar com a frustração. Mais do que trabalhar para obter sucesso, o perfeccionista luta para ser perfeito em suas realizações e isto faz dele um escravo dos êxitos e inimigo das falhas, nunca ficando satisfeito com os resultados obtidos.

Outro problema com o perfeccionista é que ele normalmente espera que todos ao seu redor sejam perfeitos e se incomoda quando não consegue aplicar aos outros as suas regras de disciplina. Em seu livro *Never good enough: Freeing yourself from the chains of perfectionism*, a psicóloga americana Monica Ramirez Basco identifica dois tipos de perfeccionistas.¹³ O primeiro é o *introspectivo*, ou seja, aquele que apresenta pouca auto-estima e confiança própria e para quem qualquer erro equivale à desaprovação dos outros. O segundo é o *extrospectivo*, ou seja, aquele que não apresenta baixa auto-estima, porém, não confia nas habilidades ou capacidades dos outros ao seu redor. Logo, este segundo tipo não consegue delegar e exige sistematicamente das outras pessoas a perfeição que requer de si mesmo. O problema com ambos os tipos é que, na análise da autora, eles não são realistas, pois o padrão exigido é subjetivo e a frustração individual passa a ter implicações sociais, sendo especialmente compartilhadas por aqueles que convivem com o perfeccionista.¹⁴

¹¹ Ibid., p. 14.

¹² Ibid., p. 17.

¹³ BASCO, Monica Ramirez. *Never Good Enough: Freeing Yourself from the Chains of Perfectionism*. Nova York: The Free Press, 1999. p. 36-65.

¹⁴ DIAS, Maria Clara. Perfeccionismo. Centro de Ética e Filosofia da Mente/UFRJ. Disponível em: <www.ifcs.ufrj.br/cefm/publicações/perfeccionismo.pdf>. Acesso em: 10 de maio de 2008.

Os estudiosos apontam diferentes causas para a atitude perfeccionista, contudo ressaltam um denominador comum entre aqueles que são obcecados pela perfeição: a construção do valor próprio.¹⁵ Os estudos são unânimes em indicar que “a baixa auto-estima aflige virtualmente todos os perfeccionistas”.¹⁶ Para eles a auto-estima é essencialmente dependente de padrões externos, ou seja, o valor que lhes é atribuído por seus atos e realizações. Na tentativa de se preservarem das críticas dos outros os perfeccionistas decidem que a perfeição é a única defesa plausível. Dessa forma, a auto-estima passa a ser um construto social. O grande problema, porém, é que se o padrão a ser atingido pelo perfeccionista é fruto de convicções subjetivas, como ele pode ficar satisfeito com a valorização e elogios que recebe dos outros?

Compreendendo alguns aspectos da estrutura mental e emocional do perfeccionista é possível entender algumas de suas atitudes básicas. Nem sempre, porém, estas atitudes são explícitas, pois isto certamente afetaria a imagem exterior do perfeccionista, o que seria, para ele, inadmissível! Ainda assim, em seu universo interior, uma pessoa obcecada com a perfeição carrega sempre alguns fardos característicos. Em primeiro lugar há o medo de errar. Os erros que poderiam parecer compreensíveis para muitos são praticamente mortais para o perfeccionista. O fato é que assim como o sucesso está conectado ao valor e à aceitação pessoal, o fracasso equivale ao desprezo para os que são obcecados com a perfeição. Dessa forma, algumas pessoas se sentem completamente paralisadas diante de novos desafios, pois aquilo que é desconhecido possui maior probabilidade de fracassos. Um perfeccionista prefere passar a vida toda desempenhando uma função que conhece bem, e na qual demonstra certa destreza do que assumir um novo cargo, com uma melhor remuneração, mas que apresente deveres com os quais ele não está familiarizado. Em virtude das compulsões, obsessões e ansiedades que freqüentemente acompanham o perfeccionismo, a psicologia geralmente o considera como uma neurose.¹⁷

A segunda característica do perfeccionista está intimamente relacionada com a primeira, ou seja, a incapacidade de aprender com as próprias falhas. A atitude do perfeccionista para com o seu fracasso impede que ele se volte para suas falhas como algo que pode lhe render algo positivo. Para o perfeccionista as falhas são sempre ruins e, portanto, nunca poderiam ser usadas como uma boa fonte de aprendizado. O problema é que, em muitos casos, os resultados são teimosia no erro e um círculo de fracassos, amarguras e ressentimentos, bem como culpa e condenação. Esses sentimentos formam, segundo David A. Seamands, um “guarda-chuva que paira sobre a cabeça do perfeccionista como

¹⁵ HURKA, Thomas. *Perfectionism*. Nova York: Oxford University Press, 1993. LARMORE, Charles. *Patterns of Moral Complexity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

¹⁶ ELLIOTT e MELTSNER, *Perfeccionistas*, p. 29.

¹⁷ *Ibid.*, p. 40.

uma imensa nuvem”.¹⁸ Além do mais, a pessoa obstinada com a perfeição pode nem estar consciente, mas o pior é que, devido a essas falhas, é possível que o seu íntimo seja tomado por um rancor crescente contra todos os deveres e pessoas ao seu redor.

Uma terceira atitude característica do perfeccionista é a ênfase excessiva no que deveria ser feito, ao invés das realizações obtidas. Neste sentido, parece haver sempre um “carrasco” interno dizendo a ele o que deveria ser feito. Dessa forma, um escritor perfeccionista nunca estará satisfeito com o texto escrito e uma modelo nunca está contente com sua aparência. Essa insatisfação se manifestará de acordo com o perfil do perfeccionista que, segundo Elliott e Meltsner, pode se resumir em quatro aspectos básicos: perfeccionismo de desempenho, de aparência, interpessoal e moral.¹⁹

Esta tendência de se concentrar no que deveria ser feito ao invés daquilo que foi realizado tem sido denominada “tirania dos deveres”.²⁰ O indivíduo que a possui é comparado à pessoa que está sempre na “ponta dos pés, sempre estendendo o braço ao máximo, sempre se esticando, sempre tentando atingir certo nível, mas nunca o consegue”.²¹ O pior é que esta atitude passa a permear todos os esforços e tentativas do perfeccionista, inclusive aqueles que caracterizam seus relacionamentos. Normalmente o perfeccionista exige a perfeição daqueles ao seu redor, o que pode ser altamente prejudicial. Esta atitude pode levar o pai a ser incapaz de elogiar o filho por suas conquistas, ou mesmo o marido a nunca ficar satisfeito com a aparência de sua esposa.

A quarta característica do perfeccionista é a contínua auto comparação com aqueles que foram bem-sucedidos aos seus próprios olhos. Quem nunca está contente com o que faz, normalmente encontra pessoas ao seu redor que parecem fazer melhor do que ele. Neste sentido, o perfeccionista sempre se sente em segundo plano e carrega um enorme fardo, composto de uma auto-imagem que não consegue amar, pessoas de quem não consegue gostar e ações que não consegue realizar satisfatoriamente. Com isto, o perfeccionista está envolvido em uma competição contínua. O problema é que o seu maior adversário é ele mesmo! Conseqüentemente, esta atitude reduz a possibilidade de êxito do perfeccionista, e com freqüência o leva a interpretar críticas como ofensas pessoais e sugestões de outros como expressões de desconfiança em sua capacidade para determinadas tarefas.²²

¹⁸ SEAMANDS, David A. *Cura para os traumas emocionais*. Venda Nova, MG: Editora Betânia, 1984. p. 98.

¹⁹ ELLIOTT e MELTSNER, *Perfeccionistas*, p. 23-24.

²⁰ SEAMANDS, *Cura para os traumas emocionais*, p. 97.

²¹ *Ibid.*, p. 97.

²² ELLIOTT e MELTSNER, *Perfeccionistas*, p. 49.

A vida de uma pessoa perfeccionista acaba resultando em um círculo vicioso. Primeiro, ela alimenta alguns objetivos irrealizáveis e inatingíveis pelos padrões comuns, pois ela busca um resultado incomum. Em segundo lugar, a autocrítica do perfeccionista dificulta a realização de suas metas, pois ele nunca está satisfeito com o que possui para realizar as tarefas que lhe são confiadas. Em terceiro lugar, a pressão constante da busca pela perfeição, bem como as falhas normais de cada projeto, reduzem as possibilidades e eficácia da produtividade de um perfeccionista. Finalmente, os erros de cada tentativa conduzem os perfeccionistas ao ostracismo pessoal e a uma atitude de desistência de novos esforços. Neste estágio o perfeccionista se vê paralisado social e profissionalmente, devido ao temor de um novo fracasso. Conseqüentemente, o perfeccionista convive constantemente com o sentimento de frustração e insegurança, o que pode fazer dele um procrastinador inveterado.

Em resumo, a busca da perfeição, que poderia parecer uma virtude para muitos, pode estar impregnada de efeitos negativos e prejudiciais para o indivíduo perfeccionista e para aqueles que estão ao seu redor. O problema é que esta mesma busca pode transformar-se até em um desvio religioso, o que resulta em muitos males em nome do sagrado.

Assim como em outros casos, o perfeccionista religioso dificilmente percebe os males resultantes de suas convicções. Na verdade, os efeitos dessas convicções podem ser até mesmo mascarados sob a justificativa de que toda obsessão pelas realizações perfeitas serve a uma causa superior, ou seja, a devoção pela divindade adorada. No caso do cristianismo, o conselheiro cristão David A. Seamands afirma que, dentre os recalques apresentados por muitos cristãos, o perfeccionismo é o mais freqüente em seu gabinete.²³ Logo, uma avaliação da conexão entre a perspectiva da santidade perfeita e o cristianismo, bem como das conseqüências mais comuns desta união, é altamente relevante.

2. AS VERSÕES CRISTÃS DO PERFECCIONISMO

A principal conexão entre o perfeccionismo e a fé cristã ocorre por meio das variadas interpretações da doutrina da santificação, especialmente o aspecto ético da mesma. Os defensores desse ensino insistem na possibilidade de uma santificação plena do cristão em seu comportamento e relacionamentos interpessoais. A justificativa bíblica normalmente apresentada para esta tese são as palavras de Jesus no Sermão do Monte: “sede vós perfeitos como perfeito é vosso Pai celeste” (Mt 5.48).²⁴ Embora não haja unanimidade quanto à possibilidade de uma perfeição absoluta no mundo presente, vários intérpretes do perfeccionismo têm insistido em um comportamento cristão caracterizado pela santidade plena a ser atingida na vida terrena.

²³ SEAMANDS, *Cura para os traumas emocionais*, p. 97.

²⁴ SHELTON, *Perfeição, perfeccionismo*, p. 138.

Normalmente a porta de acesso da perspectiva perfeccionista no cristianismo tem sido associada à vida e obra do avivalista britânico John Wesley (1703-1791).²⁵ Mas o fato é que as versões perfeccionistas da santificação precedem as contribuições de Wesley. Zacarias Ursinus (1534-1583), um dos principais autores do *Catecismo de Heidelberg*, em seu comentário do mesmo, já tentava corrigir esta perspectiva em seus dias.²⁶ Além do mais, a análise da literatura a este respeito revela ser impróprio estabelecer apenas um canal de entrada do perfeccionismo nos círculos cristãos. Há pelo menos três correntes principais de seu acesso na teologia cristã: o misticismo gnóstico, o liberalismo teológico e o metodismo wesleyano, com seus movimentos correlatos e mais recentes.

Com respeito ao misticismo gnóstico cristão, há que se observar que ele se tornou mais proeminente através das obras dos teólogos platônicos, especialmente Clemente (c. 150-211/216 d.C.) e o seu discípulo Orígenes (c. 185-253 d.C.), ambos famosos pelo trabalho desenvolvido na cidade de Alexandria. Em sua obra *Stromata (Miscelâneas)*, Clemente insiste na necessidade do cristão de galgar comunhão ininterrupta com Deus, a ponto de afirmar a possibilidade de o “verdadeiro gnóstico” ser completamente aperfeiçoado.²⁷ Esta perfeição, segundo Clemente, ocorreria no momento em que o cristão se elevasse acima das emoções humanas por meio da contemplação e transfiguração da vida terrestre.²⁸ Na mesma linha de raciocínio, Orígenes, o discípulo de Clemente, propôs uma separação entre fé e conhecimento. Segundo ele, a fé era o meio para a salvação, enquanto que o conhecimento, o caminho para a santificação plena.²⁹ Dessa forma, a influência da filosofia platônica no cristianismo estabeleceu os princípios para uma abordagem mística da santificação a ser desenvolvida por meio da obtenção do conhecimento, contemplação espiritual e reclusão.

Certamente há elementos místicos na doutrina cristã (união com Cristo, habitação do Espírito, etc.), mas a forma de misticismo que caracterizou alguns cristãos do passado foi mais influenciada pelo gnosticismo do que pela fé cristã. O misticismo gnóstico, com sua ênfase na perfeita santidade, propagou o ideal ascético entre muitos líderes do cristianismo antigo, especialmente os líderes monásticos. Seguindo a perspectiva helênica da pureza do espírito e da

²⁵ LLOYD-JONES, D. Martin. *Deus o Espírito Santo*. Grandes doutrinas bíblicas. V. 2. São Paulo: PES, 1999. p. 244; PACKER, *Na dinâmica do Espírito*, p. 130-134.

²⁶ URSINUS, Zacharias. *Commentary on the Heidelberg Catechism*. n.l.: Library Binding, 1985 (Reimpressão da obra publicada em Columbus, Ohio, em 1852). p. 608-612.

²⁷ CLEMENTE, *Miscelâneas* 4.19. Disponível em: <<http://www.ccel.org/ccel/schaff/anf02.vi.iv.iv.xviii.html>>. Acesso em: 15 de maio de 2008.

²⁸ *Ibid.*, 7.14.

²⁹ Cf. SHELTON, *Perfeição, perfeccionismo*, p. 139.

corrupção da matéria, os monges passaram a defender uma perfeição completa, que seria o resultado da rejeição ascética do mundo externo e das emoções humanas.³⁰ Na tentativa de se obter tal ideal muitos seguiram os caminhos da solidão, da meditação e da disciplina contínua. Esta atitude revelava a influência gnóstica na qual o alvo da perfeição plena implicava uma fuga da realidade. Esse processo confirmou a argumentação de Warfield de que “onde quer que o misticismo entre, ele leva consigo uma tendência ao perfeccionismo”.³¹

O ideal místico do gnosticismo continuou presente no cristianismo ao longo dos anos e suas propostas permearam muitos escritos devocionais. Exemplos disto são encontrados nas obras de Tereza de Ávila,³² Francis de Sales³³ e outros. Há ainda que se considerar a persistência desse ensino nos movimentos protestantes dos quacres e de alguns pietistas.³⁴ Também há indícios do ressurgimento da ênfase gnóstica no evangelicalismo moderno, bem como de sua ênfase na possibilidade da perfeição total ainda na vida terrena. Esse fenômeno neognóstico enfatiza uma espiritualidade ascética bastante atraente, pois propõe um mergulho nas “águas mais profundas” da santidade por meio de processos quase mágicos.³⁵ O problema é que esta insistência em uma transfiguração mística, que resultaria na perfeição plena, alimenta uma expectativa que não pode ser cumprida na experiência humana e conduz à frustração e a muitas angústias.

A segunda corrente pela qual o perfeccionismo penetrou no cristianismo foi o liberalismo teológico. Em sua obra clássica sobre o assunto, B. B. Warfield ressalta: “A história comprova a correlação existente entre o perfeccionismo e o libertarianismo, pois sempre que o libertarianismo domina o raciocínio humano, o perfeccionismo insistentemente se faz presente”.³⁶ Dessa forma Warfield chamou a atenção para uma versão do perfeccionismo cristão até então ignorada por muitos.

Warfield analisou o perfeccionismo cristão de viés liberal a partir das obras do influente teólogo alemão Albrecht Ritschl (1822-1889). Ritschl lecionou por anos nas Universidades de Bonn e Göttingen e era um estudioso entusiasta de Immanuel Kant e Friedrich Schleiermacher. Ele foi considerado um completo

³⁰ Ibid.

³¹ WARFIELD, Benjamin B. *Studies on Perfectionism*. v. 1. Grand Rapids: Baker, 1991. p. 3.

³² ÁVILA, Tereza. *The Way of Perfection*. Disponível em: <<http://www.ccel.org/ccel/teresa/way.i.html?highlight=perfection#highlight>>. Acesso em: 10 de maio de 2008.

³³ SALES, Francis. *Treatise on the Love of God*, livro 7. Disponível em: <<http://www.ccel.org/ccel/desales/love.viii.html?highlight=perfection#highlight>>. Acesso em: 10 de maio de 2008.

³⁴ BERKHOF, *Teologia sistemática*, p. 542.

³⁵ VIEIRA, Samuel. *O império gnóstico contra-ataca*. São Paulo: Cultura Cristã, 1999. p. 95.

³⁶ Por libertarianismo, Warfield referia-se à teologia que rejeitava a crença na pecaminosidade humana, ou seja, o liberalismo teológico. WARFIELD, *Studies on Perfectionism*, p. 3.

racionalista por Warfield, alguém cuja dependência da razão humana o levava a redefinir os postulados de uma religião comprometida com a revelação divina.³⁷ A despeito do seu compromisso racionalista, Ritschl insistiu na possibilidade da perfeição cristã. Todavia, o seu interesse por este assunto não se devia à sua associação com o misticismo ou o pietismo, pois, segundo Warfield, ele odiava o primeiro e desprezava o segundo.³⁸ O perfeccionismo de Ritschl era produto de sua convicção quanto à bondade original do ser humano.

Ritschl insistia na bondade inerente do ser humano e, por esta razão, rejeitou todas as idéias contrárias, inclusive a de um dos seus grandes mentores, Immanuel Kant, que defendia a existência do “mal radical” no ser humano.³⁹ Ritschl não podia aceitar a posição de Kant e passou a proclamar a existência do “bem radical” no ser humano. Para ele, cada indivíduo “vem a este mundo com uma inclinação inerente para o bem e com a possibilidade da formação do seu caráter em suas próprias mãos”.⁴⁰ Entende-se com isto que Ritschl condenava tanto o ensino de Kant sobre o mal radical quanto a doutrina cristã do pecado original e reduzia o pecado à mera categoria de ignorância.⁴¹ Ao fazê-lo, porém, o teólogo alemão fiava-se na perspectiva racionalista de que aquele era o único argumento plausível em prol do progresso humano desejado por todos.

Em sua análise, Warfield ainda observa que Ritschl rejeitou as principais doutrinas da fé cristã, como a inspiração das Escrituras, a encarnação de Cristo, a necessidade de justificação pela fé e outras mais. Na verdade, em uma de suas obras mais influentes, Ritschl defendeu a tese controversa de que o evangelho de Lucas tinha sido produzido a partir de uma obra apócrifa de Marcião.⁴² Por esta razão, Warfield argumenta que a única esfera do cristianismo com a qual Ritschl poderia se entusiasmar seria a ética cristã. Segundo ele, “a própria natureza de todo sistema naturalista requer que o mesmo enfatize as atividades da vida cristã. Não há nada mais no cristianismo que um naturalista cristão possa enfatizar”⁴³ a não ser a vida na terra. Além do mais, ao insistir na noção da bondade inerente do ser humano, Ritschl rejeitava qualquer possibilidade da transmissão do pecado, inclinando-se, dessa forma, para os antigos ensinamentos de Pelágio (século 3º). Esta conexão foi notada por Warfield, que argumentou:

³⁷ Ibid., p. 3-52.

³⁸ Ibid., p. 4.

³⁹ Ibid., p. 4-8.

⁴⁰ Ibid., p. 4.

⁴¹ STUCKENBERG, J. H. W. The Theology of Albrecht Ritschl. *The American Journal of Theology*, v. II, n. 2, p. 268-292. Abril 1898.

⁴² RITSCHL, A. *Das Evangelium Marcions und das kanonische Evangelium des Lukas*. s.l.: s.n., 1846.

⁴³ WARFIELD, *Studies on Perfectionism*, p. 55.

Sempre que os homens caem em uma perspectiva estritamente pelagiana com relação à natureza e à condição espiritual humana, uma forma de perfeccionismo semelhante àquela ensinada por Pelágio tende a ser repetida.⁴⁴

A perspectiva de Ritschl sobre o pecado não deve ser entendida como uma decisão deliberada, mas como uma conclusão coerente com sua concepção da doutrina da justificação. De acordo com Warfield, Ritschl identificava o ato da justificação com o perdão de *todos* os pecados do indivíduo.⁴⁵ Dessa forma, o sentimento de pecado, para ele, era apenas um construto subjetivo, que não fazia parte da realidade do reino dos céus inaugurado pelo Messias.⁴⁶ Dessa forma, ao seguir o exemplo de Cristo, o cristão poderia atingir a perfeição nesta vida e isto poderia até resultar em uma sociedade perfeita. A perspectiva de Ritschl influenciou vários teólogos alemães ao ponto de se desenvolver no movimento da “Vida Cristã Superior”.⁴⁷ Ainda que algumas ênfases sobrenaturais não sejam reconhecidas por esta corrente teológica, a ênfase moral e a insistência na santificação plena estão presentes.

O terceiro canal de acesso do perfeccionismo nos círculos cristãos é o metodismo wesleyano, bem como os movimentos resultantes do mesmo. A busca da santidade diária foi uma das principais ênfases do ministério de João Wesley (1703-1791) e ela resultou na elaboração da doutrina da plena santificação, também chamada “perfeição cristã”. Segundo Packer, a novidade desse ensino foi “afirmar uma segunda obra da graça transformadora, diferente e, via de regra, posterior ao novo nascimento (conversão)”.⁴⁸

O ensino de Wesley sobre a santificação parte de sua convicção de que o

verdadeiro cristianismo bíblico encontra a mais alta expressão e o teste decisivo de autenticidade na experiência prática e ética do indivíduo cristão e da igreja e, apenas de forma secundária, nas definições e proposições doutrinárias.⁴⁹

Para ele, os cristãos não devem ficar “satisfeitos com nenhum tipo de religião que não implique a destruição de todas as obras do mal, ou seja, de todo o pecado”.⁵⁰ Segundo Dieter,

⁴⁴ Ibid., p. 3.

⁴⁵ Ibid., p. 69.

⁴⁶ Ibid., p. 57.

⁴⁷ Ibid., p. 345.

⁴⁸ PACKER, *Na dinâmica do Espírito*, p. 130.

⁴⁹ DIETER, *A perspectiva wesleyana*, p. 13.

⁵⁰ WESLEY, John. *The End of Christ's Coming*. Sermon. In: JACKSON, Thomas (Org.). *The Works of John Wesley*, v. 6. Kansas City: Beacon Hill, 1978 (reimpressão). p. 277.

esse entusiasmo por ver a verdade de Deus manifestada na experiência e no testemunho de cristãos fiéis foi fortalecido pela convicção de que cada pessoa podia responder positiva ou negativamente à oferta divina da salvação.⁵¹

Dessa forma, observam-se dois elementos dominantes na soteriologia de Wesley: a preocupação com a ética cristã e a convicção arminiana sobre a autonomia humana para aceitar ou rejeitar a graça de Deus.

A perspectiva de Wesley sobre a santidade cristã foi fortemente influenciada pelos escritores místicos. Ele mesmo cita as obras do bispo Jeremy Taylor, Thomas à Kempis, William Law e de outros como decisivas em sua compreensão da possibilidade da santidade perfeita.⁵² Esses escritores geralmente defendiam a necessidade de uma experiência cristã mais profunda que resultasse no “amor perfeito”, capaz de “purificar o coração da inveja, malícia, ira e toda má disposição”.⁵³ Wesley afirmava que sem essa experiência “toda religião é oca e vazia”.⁵⁴ O puro amor a Deus, segundo Wesley, “implica libertação de todo pecado”.⁵⁵

A definição da perfeição cristã nos ensinamentos de Wesley tem sido um dos assuntos mais debatidos na literatura evangélica.⁵⁶ Ao contrário do que se pensa, parece que ele não defendia uma perfeição absoluta, pois o homem sempre será considerado um pecador, uma vez que

ninguém está livre de fraquezas... até que o seu espírito volte de novo para Deus... Neste sentido, não há perfeição absoluta na terra. Não existe perfeição neste mundo que não admita um crescimento contínuo.⁵⁷

O que Wesley enfatizava era a possibilidade de uma perfeição que renovaria o cristão completamente à imagem de Deus ainda neste mundo e que purificaria as imundícias do seu coração e destruiria a inclinação para o pecado.⁵⁸ Logo, a perfeição para Wesley não equivalia a uma condição legal que garantiria a *impecabilidade* do cristão, mas a uma experiência libertadora na qual ele seria *capacitado* a resistir aos pecados nesta vida. A capacitação

⁵¹ DIETER, A perspectiva wesleyana, p. 14.

⁵² WESLEY, *Explicação clara da perfeição cristã*, p. 7-9. Cf. DIETER, A perspectiva wesleyana, p. 15; PACKER, *Na dinâmica do Espírito*, p. 132.

⁵³ WESLEY, *Explicação clara da perfeição cristã*, p. 16.

⁵⁴ PACKER, *Na dinâmica do Espírito*, p. 132.

⁵⁵ WESLEY, *Explicação clara da perfeição cristã*, p. 52.

⁵⁶ Cf. PACKER, 1991, op. cit., p. 133-142. DIETER, A perspectiva wesleyana, p. 17-24. SAWYER, M. James. Wesleyan and Keswick models of sanctification. Disponível em: <http://www.bible.org/page.php?page_id=391>. Acesso em: 09 de maio de 2008.

⁵⁷ WESLEY, *Explicação clara da perfeição cristã*, p. 21.

⁵⁸ Ibid., p. 40-42.

para a santidade plena ou “perfeição cristã”, segundo Wesley, era sempre uma graça posterior à conversão que deveria ser buscada por todos os cristãos imediatamente após o novo nascimento.⁵⁹ Ainda que enfatizando a participação do Espírito na santificação, Wesley depositava forte ênfase no esforço humano pela busca da santidade perfeita.

O ensino de Wesley sobre a perfeição cristã foi adotado e desenvolvido por vários movimentos de santidade no protestantismo. Dentre os mais conhecidos estão o Exército da Salvação, os seguidores do avivalista Charles G. Finney e seu Oberlinismo,⁶⁰ o movimento *holiness* e a ênfase pentecostal na “segunda bênção”.⁶¹ Mais recentemente, esta ênfase pode ser encontrada em movimentos protestantes como: *Promise Keepers*⁶² e Visão Federal.⁶³ Em todos esses movimentos é possível identificar pelo menos quatro ênfases oriundas do ensino de Wesley sobre a perfeição cristã. São elas: (1) a ênfase em uma segunda obra da graça de Deus distinta da conversão, (2) o entendimento de que o pecado é um fenômeno primariamente voluntário que pode ser totalmente desarraigado do coração humano, (3) a crença de que o cristão pode obter a perfeição nesta vida mediante o esforço contínuo da consagração, e (4) a convicção de que a santificação plena é a única resposta ao testemunho frívolo que caracteriza muitos cristãos. Em todos os casos parece haver uma falta de distinção entre a *santidade genuína* e a *santidade completa* na vida cristã.

A priori, as três correntes básicas de ingresso do perfeccionismo nos círculos cristãos são completamente antagônicas. Contudo, uma análise mais detalhada evidencia pelo menos um elemento comum a todas elas: a ênfase na autonomia espiritual do ser humano. Cada uma destas correntes nega, de uma forma ou de outra, a abrangência dos efeitos noéticos da queda sobre a raça humana. De acordo com essas escolas o homem, de alguma maneira, é livre para escolher, decidir e encontrar a Deus por meio de sua razão, seus esforços e sua vontade. Mesmo para aqueles que ressaltam a necessidade da atuação do Espírito Santo na obra da santificação, como no caso dos wesleyanos, a capacidade humana de desejar o que é perfeito é determinante. Dessa forma, o perfeccionismo cristão mantém a ênfase de sua versão popular de que a per-

59 DIETER, A perspectiva wesleyana, p. 41.

60 Oberlinismo foi o ensino oriundo do Oberlin College onde Finney ensinou teologia nos últimos anos de seu ministério, a despeito de afirmar que o ministro cristão não precisaria ter preparo teológico. Cf. HIRREL, Leo P. *Assessing the Influence of Religious Ideas Charles Finney's Perfectionism*. Disponível em: <<http://members.aol.com/leohirrel/finney>>. Acesso em: 09 de maio de 2008.

61 Cf. DIETER, A perspectiva wesleyana, p. 41-50. PACKER, 1991, op. cit., 130.

62 Cf. GILLEY, Gary. *Promise Keepers... An Evaluation*. Disponível em: <http://www.inplaninsite.org/html/evaluation_promise_keepers.html>. Acesso em: 30 de maio de 2008.

63 Cf. WILKINS; GARNER, op. cit.; ENGELSEMA, David. *Visão Federal*. Disponível em: <www.monergismo.com>. Acesso em: 26 de maio de 2008.

feição depende de um esforço maior. Esse esforço é geralmente apresentado como “uma experiência mais profunda” ou “a segunda bênção”.⁶⁴

A ênfase na autonomia humana não é o único elemento comum entre as variadas versões cristãs do perfeccionismo. Há também a caricatura de santidade resultante de cada uma delas. Neste sentido, Seamands aponta para o fato de que “o perfeccionismo, ao invés de fazer de nós pessoas santas, com uma personalidade sadia – isto é, pessoas completas em Cristo – transforma-nos em fariseus espirituais e em neuróticos”.⁶⁵ Ao insistir na possibilidade da perfeição plena mediante um esforço ou experiência a mais, o perfeccionista acaba por entrar em um universo de frustrações e decepções. Pior ainda, sua caricatura de santidade prejudica o seu relacionamento com o próprio Deus.

Alguns estudiosos cristãos ressaltam, no mínimo, cinco aspectos do relacionamento com Deus que é diretamente afetado por uma perspectiva perfeccionista da santidade cristã.⁶⁶ O primeiro problema da versão perfeccionista sobre a santidade é que ela resulta em um sentimento de insegurança do seu possuidor quanto ao amor de Deus. No caso do perfeccionista, o amor é sempre algo a ser conquistado e merecido. Assim, sempre que não atingir os seus próprios objetivos em relação a um crescimento espiritual ele poderá voltar-se para Deus e dizer, como o filho pródigo: “já não sou digno de ser chamado teu filho” (Lc 15.19). O problema é que as palavras do filho pródigo ilustravam sua conversão e não sua santificação. Portanto, as mesmas não podem mais ser usadas por aquele que foi, de uma vez por todas, aceito na casa do Pai como filho amado.

O segundo prejuízo do perfeccionismo à santificação é que ele produz uma visão errada do próprio Deus, pois geralmente Deus será, para um perfeccionista, um soberano excessivamente rígido e que nunca pode ser agradado. Neste caso, o cristão perfeccionista apenas gera um deus à sua própria imagem, ao invés de atentar para a revelação bíblica sobre Deus. Outro problema ainda ocasionado por esta perspectiva é um entendimento errado da graça de Deus. Na perspectiva perfeccionista a graça apenas fortalece o cristão para fazer aquilo de que ele mesmo é capaz, ao invés de transformá-lo e restaurá-lo à comunhão com aquele por meio do qual tudo é possível (Fp 2.13). Esse entendimento errôneo da graça divina pode até resultar em desprezo ao sacrifício daquele que disse estar tudo consumado (Jo 19.30).

O quarto prejuízo do perfeccionismo ao relacionamento do cristão com Deus é que ele rouba temporariamente do convertido aquela alegria que Deus lhe promete em Cristo. Nos momentos em que poderia se regozijar ele só con-

⁶⁴ PACKER, *Na dinâmica do Espírito*, p. 130.

⁶⁵ SEAMANDS, *Cura para os traumas emocionais*, p. 95.

⁶⁶ Cf. *Ibid.*, p. 109-133; MEBANE e RIDLEY, *The Role-Sending of Perfectionism*, p. 250-254.

segue pensar no próximo desafio e na próxima tarefa. Por último, o perfeccionismo pode ainda resultar na desarmonia da igreja, pois o cristão perfeccionista geralmente se inclinará a cobrar dos outros aquilo que ele mesmo estabeleceu como alvo. Assim, ao invés de fortalecer e ajudar os fracos, o perfeccionista acaba sendo um desmotivador e orgulhoso espiritual. Kuyper já apontava para a lógica dessa conclusão ao perguntar: “O que é que mais conduz ao orgulho espiritual do que a pretensão de uma santidade superior?”⁶⁷ Solano Portela adverte contra esta atitude de “desprezo aos outros irmãos” e abriga de uma “sensação de se achar possuidor de uma visão superior”.⁶⁸ Em todos os casos, esta perspectiva é altamente prejudicial à comunhão dos santos.

Refletir sobre as origens, pressuposições e conseqüências de um erro pode ser motivador para que o mesmo seja abandonado. Todavia, é imprescindível que a verdade sobre o assunto seja apresentada para servir como antídoto ao erro. Dessa forma, os prejuízos do perfeccionismo cristão só podem ser reparados se o seu possuidor tiver uma perspectiva correta da doutrina da santidade, conforme apresentada na Bíblia.

3. A RESPOSTA BÍBLICA AO PERFECCIONISMO CRISTÃO

O progresso em santidade é uma exigência bíblica para todo cristão, pois este foi o próprio objetivo da salvação na vida do crente (Ef 1.4; 1Ts 4.12). O padrão para esta santidade, segundo a Bíblia, é o próprio Deus (Mt 5.48; 1Pe 1.15-16). Como Cristo é a perfeita imagem de Deus (2Co 4.4; Cl 1.15 e Hb 1.3), pode-se afirmar que o crescimento em santidade equivale a ser continuamente transformado à imagem de Cristo (Rm 8.29). Essa transformação é obra do Espírito Santo na vida do crente, o qual, pela graça divina, tem a permissão de colaborar neste empreendimento (2Ts 2.13; 1Pe 1.2; Fp 2.13). Estas e outras ênfases do ensino bíblico sobre a santificação se encontram em perfeita harmonia com a perspectiva perfeccionista sobre o assunto. Contudo, enquanto os defensores da perfeição plena insistem na tese de que o cristão pode ser *completamente* novo nesta vida, a Bíblia parece apresentá-lo como alguém *genuinamente* novo e em contínuo processo de restauração completa no futuro.

A Bíblia enfatiza a importância prática da santidade para o cristão. Em primeiro lugar, a santidade é uma evidência da eleição e justificação do cristão (1Ts 2.13; 2Pe 1.3-10). Ela é a marca comum das ovelhas do Senhor, o aspecto visível da salvação de cada cristão. A santidade também é importante para o testemunho cristão, pois, a fim de estar preparado para responder a todo aquele que questiona sua esperança, o crente deve santificar a Cristo em seu coração

⁶⁷ KUYPER, Abraham. The Pietist and the Perfectionist. Disponível em: <<http://homepage.mac.com/shanerosental/reformationink/akpietist.htm>>. Acesso em: 09 de maio de 2008.

⁶⁸ PORTELA, Solano. *Cinco pecados que ameaçam os calvinistas*. São Paulo: PES, n.d., p. 5.

(1Pe 3.15). Em terceiro lugar, a vida de santidade promove a segurança da salvação. Todos têm a necessidade de segurança e certeza de sua condição de filhos e a santidade é uma das maiores e mais eficientes evidências da adoção divina (Rm 8.1-16). Assim, pelos frutos de sua fé os cristãos obtêm certeza da veracidade de sua condição em Cristo.⁶⁹ Por último, a santidade equipa os servos de Deus para o serviço cristão e os prepara para o céu. Paulo afirma que a vida do cristão é uma carta aberta (2Co 3.2) e que um utensílio santificado sempre será útil ao seu possuidor (2Tm 2.21). Assim, a eficiência do trabalho cristão está intimamente conectada com a vida de santidade dos servos de Deus. Além do mais, ela também prepara os cristãos para o céu, pois sem a santificação ninguém verá o Senhor (Hb 12.14; Ap 21.27). Em sua obra clássica sobre o assunto, o bispo Ryle enumera outros benefícios da santidade,⁷⁰ mas o resumo acima parece ser suficiente para evidenciar que a piedade em tudo é proveitosa.

Em vez do que os proponentes da santidade plena ensinam, a Bíblia apresenta a doutrina da santificação tanto de forma *objetiva* quanto *subjéctiva*. O aspecto objetivo da santificação diz respeito ao estado presente do cristão *em* Cristo, ou seja, como Deus o vê representado no Redentor, o que Packer denomina “santificação posicional”.⁷¹ Dessa forma, a Bíblia descreve a santificação como um ato definitivo, que ocorre em um só momento, justaposto à justificação e não separado dela. Esta verdade é apresentada por Paulo ao referir-se aos cristãos como “santificados em Cristo” (1Co 1.2; 6.11), “mortos para o pecado” (Rm 6.2), “crucificados” e “ressuscitados” em Cristo Jesus (Rm 6.6; Ef 2.4-6). Neste sentido, é um erro falar da santificação apenas como um processo incompleto, pois a realidade dos cristãos, aos olhos de Deus, é a de santidade em Cristo Jesus.⁷² Esse aspecto objetivo da santificação deve motivar o cristão a ver a si mesmo como uma nova criatura, alguém que já não está mais sujeito ao domínio do pecado, mas a Cristo. Há que se ressaltar ainda que a santificação objetiva não é um ato separado da justificação, nem uma “segunda bênção”, pois ambos ocorrem *em* Cristo Jesus concomitantemente.

A santificação, segundo a Bíblia, também possui um aspecto subjéctivo, ou seja, aquele processo por meio do qual ela é realizada na vida terrena do cristão. Como bem afirma Hoekema, “a vida nova que os crentes encontram em Cristo não equivale à perfeição sem pecado. Uma vez que estão nesta vida,

⁶⁹ Resposta à pergunta 86. In: *Confissão de Fé e Catecismo de Heidelberg*. São Paulo: Cultura Cristã, 1999. p. 65.

⁷⁰ RYLE, *Santidade sem a qual ninguém verá o Senhor*, p. 65-77.

⁷¹ PACKER, *Na dinâmica do Espírito*, p. 101.

⁷² MURRAY, John. *Collected Writings of John Murray*. v. 2. Carlisle, Pennsylvania: The Banner of Truth Trust, 1977, p. 277.

devem lutar contra o pecado, mas, às vezes, eles caem”.⁷³ O aspecto subjetivo da santificação pode ser claramente observado nas afirmações bíblicas sobre a presença do pecado na vida do crente. Por exemplo, Tiago afirma que os crentes tropeçam de muitas maneiras (Tg 3.2) e João argumenta que se o cristão disser estar sem pecado ele engana a si mesmo (1Jo 1.8). João também ensina que todo aquele que espera a manifestação de Jesus purifica-se (literalmente, “continua purificando-se”) a si mesmo como o Senhor é puro (1Jo 3.3). Dessa forma, a Bíblia parece apresentar a santidade cristã como uma realidade dinâmica e não estática, como algo desenvolvido em um processo ao invés de obtido em uma experiência única.⁷⁴ Por esta razão, a santificação progressiva ou processual é também identificada como crescimento espiritual do cristão, o qual nunca é perfeito nesta vida (Rm 6.22; 1Pe 2.22 e 1Jo 3.2).⁷⁵

Um dos principais postulados da doutrina da santificação progressiva é que a santificação realiza uma renovação da natureza do cristão em vez de transformar sua essência. Logo, o cristão é genuinamente uma nova criatura, embora ainda não seja completamente novo. Esta parece ser uma distinção que os defensores do perfeccionismo cristão não perceberam claramente e por isto limitam sua compreensão da doutrina. Além do mais, as Escrituras parecem indicar que o progresso na santificação consiste basicamente em dois aspectos: um negativo e outro positivo. O aspecto negativo é chamado de mortificação do velho homem (Rm 6.6 e Gl 5.24), enquanto o aspecto positivo é a vivificação do novo homem em Cristo (Rm 6.11 e Gl 2.9).⁷⁶ A mortificação diz respeito ao fato de que os cristãos, definitivamente mortos para o poder do pecado, continuam mortificando as ações pecaminosas para as quais ainda estão inclinados. Por esta razão, a exortação bíblica é “fazer morrer a natureza pecaminosa” (Rm 8.13; Cl 3.5). Essa mortificação só é possível pelo poder do Espírito Santo e requer uma luta vigorosa contra o pecado durante toda a vida do crente. A vivificação do novo homem, por sua vez, é o próprio crescimento espiritual do crente e sua renovação à imagem do Senhor. Aqueles que já foram “despidos do velho homem” são exortados a se vestirem do novo homem que “se refaz para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou” (Cl 3.9-10). Por esta razão o crente deve, seguindo a verdade em amor, progredir sempre em uma união mais completa e rica com Cristo (2Co 3.18; Ef 4.15).

A partir dessa apresentação resumida da perspectiva bíblica sobre a santificação é possível identificar alguns dos principais erros comuns das variadas

⁷³ HOEKEMA, A. A. A perspectiva reformada. In: GUNDRY, *Cinco perspectivas sobre a santificação*, p. 69-70.

⁷⁴ PACKER, *A redescoberta da santidade*, p. 79-104.

⁷⁵ HOEKEMA, A perspectiva reformada, p. 69-70.

⁷⁶ Pergunta e resposta 88. In: *Catecismo de Heidelberg*, 1999, p. 66.

versões do perfeccionismo cristão. Em primeiro lugar, os defensores da perfeição cristã revelam uma compreensão superficial do pecado. Neste sentido, é útil atentar para a afirmação de Ryle de que “conceitos errôneos sobre a santidade geralmente advêm de idéias distorcidas quanto à corrupção humana”.⁷⁷ Geralmente os perfeccionistas descrevem o pecado como “uma coisa” retirada do homem, como um “câncer ou um dente estragado”.⁷⁸ Todavia, o pecado consiste dos elementos de culpa e corrupção. O primeiro foi definitivamente tratado na justificação e o segundo é diariamente tratado na vida do cristão pela santificação. Neste sentido, a vida cristã é uma luta constante contra as paixões e inclinações pecaminosas. A perfeição completa somente ocorrerá na glória eterna quando o cristão receber uma natureza totalmente transformada!

O segundo erro dos perfeccionistas parece ser a insistência em uma autonomia humana que é irreal à luz das Escrituras Sagradas. A Bíblia é clara em estabelecer uma conexão entre o pecado de Adão e o restante da humanidade (Rm 5.12-22), bem como em afirmar que neste mundo o cristão ainda está sujeito às suas paixões pecaminosas e por esta razão ele luta contra elas (Rm 13.12-14; Gl 5.16-17). Um caso clássico de dificuldade hermenêutica produzida pela concepção irreal da autonomia humana é o texto de Romanos 7.7-25. Nesta passagem Paulo expõe o duplo aspecto da experiência crista, ou seja, a dor da imperfeição e a alegria da certeza do progresso espiritual. Contudo, Packer afirma que alguns perfeccionistas cristãos, juntamente com os pais gregos e os arminianos holandeses, interpretam esta passagem “como referente à experiência pré-cristã” do apóstolo Paulo.⁷⁹ Somente esta interpretação poderia sustentar o ensino perfeccionista, mas a questão é se ela realmente possui base exegética sólida e aplicação própria à vida cristã no mundo real. No geral, esta posição tem resultado em frustrações e desmotivações de alguns cristãos na busca pela santidade.⁸⁰

Como consequência direta do ponto anterior, o terceiro erro dos perfeccionistas parece ser o de reduzir o padrão da perfeição a algo, no mínimo, contraditório. A perfeição defendida pelos perfeccionistas precisa ser constantemente qualificada negativamente, ou seja, ela não é adâmica, angelical, nem aquela resultante da ressurreição final e muito menos a perfeição de Cristo.⁸¹ Dessa forma, ela pode ser definida como “perfeição imperfeita”.⁸² Louis Berkhof, após analisar o perfeccionismo cristão, concluiu:

⁷⁷ RYLE, *Santidade sem a qual ninguém verá o Senhor*, p. 21.

⁷⁸ SUGDEN, E. H. (Org.). *The Standard Sermons of John Wesley*. v. 2. Londres: Epworth Press, 1956. p. 459, nota de rodapé.

⁷⁹ PACKER, *Na dinâmica do Espírito*, p. 141.

⁸⁰ Cf. RIDDLEBARGER, *Romans 7 and the Normal Christian Life*.

⁸¹ DIETER, *A perspectiva wesleyana*, p. 13-24.

⁸² METZ, Donald S. *Studies in Biblical Holiness*. Kansas City: Beacon Hill, 1971. p. 228-230, 243.

É muito significativo que todas as principais teorias perfeccionistas julgam necessário abaixar o padrão de perfeição e não responsabilizam o homem por coisa que indubitavelmente é exigida pela lei moral original. E é igualmente significativo que eles sentem a necessidade de exteriorizar a idéia de pecado, quando alegam que somente o mau procedimento consciente pode ser considerado pecaminoso, e se recusam a reconhecer como pecado grande parte daquilo que é exposto como tal na Escritura.⁸³

Assim, para manter a tese da perfeição cristã, os seus defensores precisam não apenas redefinir o conceito de pecado como também de perfeição.

Por último, os defensores da santidade plena parecem errar por não distinguir corretamente a tensão existente entre o *já* e o *ainda não* na escatologia realizada. Enquanto as Escrituras afirmam a santidade posicional, ou seja, a condição do cristão em Cristo sob a perspectiva de Deus, ela também insiste na necessidade da santidade experiencial a ser realizada na vida de cada cristão. Assim como os liberais deixaram de perceber esta distinção nas discussões sobre o reino de Deus, os místicos gnósticos, os wesleyanos e seus seguidores também o deixam de fazer. Com isto, eles facilmente transladam aquilo que *ainda não é* para o universo do que *já foi* inaugurado. Quando esta interpretação mostra-se problemática e impraticável, logo são estabelecidos novos alvos a serem alcançados, como, por exemplo, uma segunda bênção ou uma experiência mais profunda.

Em resumo, devido ao fato de a perspectiva do perfeccionismo cristão não se apoiar no ensino bíblico sobre o assunto, as implicações práticas oriundas da mesma jamais serão edificantes. Os cristãos que abraçam esse ensino não podem ser realistas a respeito de sua contínua pecaminosidade. Por exemplo, Packer relata o episódio do batista F. B. Meyer, defensor da santificação plena, mas que

ficou abalado até a alma quando, já no fim da meia-idade, viu as multidões abandonando-o para ouvir o jovem G. Campbell Morgan, e descobriu-se corroído por inveja profissional; pois essa era uma forma de sentimento maligno da qual ele sempre pensara que estava imune.⁸⁴

Embora lutando constantemente em prol de um viver santo, o cristão não deve alimentar a noção irreal da santidade plena neste mundo.

CONCLUSÃO

A santidade, segundo James I. Packer, deveria ser uma “palavra elétrica” para os ouvidos cristãos.⁸⁵ Ela deveria ser recebida com alegria por corresponder ao desejo natural de comunhão que o filho tem em relação ao Pai. Contudo,

⁸³ BERKHOF, *Teologia sistemática*, p. 542.

⁸⁴ PACKER, *Na dinâmica do Espírito*, p. 139.

⁸⁵ *Ibid.*, p. 91.

este conceito entrou em eclipse nos últimos anos e se tornou um “mundo perdido” para muitos.⁸⁶ Packer apresenta quatro prováveis razões para a atual atitude em relação à santidade. Em primeiro lugar, ele afirma que grande parte dos cristãos contemporâneos parece, muitas vezes, mais preocupada com controvérsias do que com a busca da santidade. Além do mais, Packer observa certa tendência de valorizar talentos pessoais à parte das virtudes do caráter, o que faz com que muitos líderes cristãos sejam apreciados somente por suas habilidades intelectuais, administrativas e outras, em detrimento da devoção pessoal. Ele ainda ressalta o fato incômodo de que muitos movimentos cristãos contemporâneos expressam certa insensibilidade em relação à própria santidade de Deus. No entanto, a provável razão mais intrigante apresentada por Packer é o fato de alguns cristãos demonstrarem desilusão com certos ensinamentos sobre a santificação.⁸⁷

O perfeccionismo cristão tem sido apontado como uma das principais causas do desânimo de alguns na busca da santificação. O presente artigo procurou analisar os principais postulados do perfeccionismo, bem como suas diferentes versões cristãs e, ao final, procurou apresentar o corretivo bíblico aos erros dessa doutrina, ou seja, uma perspectiva bíblica sobre a santificação.

ABSTRACT

This article attempts to analyze perfectionism and its presuppositions as an encumbrance to the search for true holiness. In order to offer a broad perspective on this issue the author examines several aspects of perfectionism. First, he describes perfectionism in general. Then, he presents the most common versions of Christian perfectionism and their implications for the doctrine of sanctification. Finally, the writer expounds a biblical perspective on progressive sanctification in the life of the believer as an answer to the problems caused by perfectionism. It must be kept in mind that the versatility of perfectionism not only makes its study difficult, but also allows its survival even within most conservative Christian circles. It is the expectation of the writer that this study may reveal itself useful to those in pastoral ministry, especially those who labor in the areas of discipleship, Christian education and counseling.

KEYWORDS

Perfectionism; Sanctification; Total sanctification; Progressive sanctification; Second blessing.

⁸⁶ PACKER, *A redescoberta da santidade*, p. 12.

⁸⁷ PACKER, *Na dinâmica do Espírito*, p. 96-98.